

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

SINOPSE

Ricardo é um garoto de quase oito anos que adora dinossauros e está prestes a mudar de escola. Com medo de viver essa nova experiência, começa a sentir estranhas mudanças dentro de si e passa a ser atormentado por um fantasma equilibrista, que se sente bem em cima de sua cabeça, não lhe dando mais sossego. No primeiro dia de aula, reluta em ser levado à escola pela mãe, mas acaba cedendo. O fantasma, então, cada vez mais pesado, mostra a Ricardo que o medo que sente é ainda maior. Na hora do recreio, o garoto diz à professora que não quer sair da sala. Nesse momento, entra em cena a menina Sara, colega da carteira ao lado, que vai dar um rumo diferente à história.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em Americana, interior de São Paulo, sou formada em Letras e fui professora de Português durante muitos anos. Muito provavelmente tenha vindo desse convívio com os adolescentes o meu desejo de me tornar uma escritora para o público infantil e juvenil. Meu primeiro livro foi publicado em 1998 e de lá para cá não parei mais de escrever.

A história de um menino apaixonado por dinossauros surgiu quando, numa de minhas palestras, conheci alguém assim. A toda hora o garotinho me interrompia para falar dos dinossauros. Sabia tudo sobre eles. Aí criei um fantasma muito espertalhão e a história foi nascendo. Fantasmas e dinossauros formam uma ótima dupla, não acham?

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Flávio Fargas
Formato: 18 x 26 cm
Número de páginas: 40
Coleção: *Hora viva*
ISBN: 978-85-385-1442-8
Indicação: A partir de 9 anos

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense — quando for o caso — a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem — o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. — para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: "O texto foi entendido com facilidade ou não?", "Existem palavras que geraram dúvidas?", "Os parágrafos são curtos ou longos?", "O que aconteceu no início da história?", "O que determinou que o personagem mudasse de ideia?". Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões ("ontem", "hoje", "no mês passado", "antigamente", dentre outras), verbos e tempos verbais ("faz", "está fazendo", "brinca", "andou", "comeu", "buscará", "vai buscar", etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: "Que papel eles desempenham na história?",

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

“Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Antes de apresentar o livro *O fantasma equilibrista*, diga às crianças que elas lerão uma narrativa que trata de vários sentimentos: valentia, coragem, medo, insegurança e superação. Questione os alunos sobre o que entendem por esses sentimentos e peça que exemplifiquem suas ideias com fatos cotidianos, ou com histórias que tenham lido ou ouvido.
2. Fantasmas e assombrações permeiam o imaginário popular. Pergunte às crianças que histórias de fantasmas elas conhecem. Na maioria das histórias em que os fantasmas aparecem, eles amedrontam as pessoas, salvo algumas exceções, como *Pluft, o fantasminha* (da peça de mesmo nome de Maria Clara Machado) e *Gasparzinho, o fantasminha camarada* (personagem de desenho animado).
3. Apresente o livro aos alunos e sugira que o folheiem, chamando atenção para a ilustração de capa e algumas do miolo. Explore as feições do menino e do fantasma na capa: o primeiro, perturbado, como se estivesse com dor; o segundo, com ar amedrontador. Proponha às crianças que lancem hipóteses sobre a história que será lida com base no título do livro e nas ilustrações da capa e do miolo.

DURANTE A LEITURA

1. Após a leitura do livro, faça alguns questionamentos para que as crianças compreendam como se constrói a narrativa. Quais são os personagens? Quem conta a história é um deles? Como sabemos disso? Muitas vezes as narrativas também possuem diálogos. No livro em questão, existem diálogos? Quem está conversando? Esses diálogos são importantes para a construção da história? É possível saber em que tempo exatamente se passa a história? Poderíamos dizer que ela se passa em um tempo atual? Por quê? Nesse momento, proponha um desafio: encontrar palavras ou trechos da página 5 do livro que nos provam que a história se passa numa época não tão distante ("... jogava *videogame*, assistia à televisão, (...) ouvia seu CD predileto..."). E o espaço? Como podemos identificá-lo? Peça às crianças que busquem alguns trechos e ilustrações que mostrem os principais locais onde os acontecimentos ocorrem.
2. Para explorar os elementos linguísticos, leve os alunos a compreender que o texto apresenta marcas de oralidade. Muitas palavras ou expressões empregadas são características da linguagem coloquial. Tome como ponto de partida a expressão "andar com fantasmas na cabeça", da página 4, e também explore outras: "...que era valente *pra chuchu*." (página 4); "Era uma *maré de azar* sem igual." (página 6); "...aquele fantasma de *meiúsima-tigela*." (página 11); "Até aqui, só enrolação *das bravas*..." (página 11); "E o fantasma reafirmou, *na cara dura*..." (página 12); "...aquele fantasma *duma figa*..." (página 14); "*Sei não*." (página 18); "O menino se sentia perdido, um *peixe fora d'água*." (página 20); "*Magrinho de dar dó*. Um *espeto*. Um *pau de virar tripa*." (página 36). Discutir os possíveis sentidos dessas

FANTASMA EQUILIBRISTA



Tânia Alexandre
Martinelli

expressões e os efeitos que elas promovem na construção do texto. São palavras e expressões que comumente ouvimos no dia a dia?

3. Dê especial atenção a um recurso gráfico utilizado na apresentação do texto: os diferentes tamanhos de letras para representar as falas de Ricardo e do fantasma. Quando, no livro, aparecem letras bem pequenas? Quem pronunciou as falas escritas dessa forma? Como a frase “Estou com medo da escola nova!”, da página 6, aparece na página 8? Do mesmo tamanho ou com a fonte um pouco maior? Proponha que busquem trechos nos quais as falas de Ricardo aparecem em letras bem miúdas e explore o efeito de sentido promovido pela alternância no tamanho das letras. Na página 12, por exemplo, a resposta do fantasma aparece em letras bem grandes (“Tá maluco?”), o que pode representar uma voz forte e decidida. Na página 17, uma das falas do fantasma está representada com letras maiores e, a partir de certo momento, ficam maiores ainda: “Como eu sei... Eu sei sabendo, ora essa! Eu sei tudo. E tem mais!”. É importante que as crianças leiam algumas passagens em voz alta, para que percebam a mudança de entonação produzida pela mudança no tamanho das letras.

4. Estimule os alunos a analisar com bastante cuidado as ilustrações que acompanham o texto. Chame a atenção para a ilustração da página 6. Peça às crianças que relacionem a fala do fantasma, apresentada com fonte bem pequena, com a maneira como ele é retratado na ilustração (quase uma “faísca”). Solicite então que analisem também a ilustração da página 9. O fantasma tem a mesma representação? O que muda, em sua fisionomia, de uma ilustração para outra? Em qual das ilustrações podemos visualizar uma palavra na boca do fantasma? Essa palavra é importante na história? Por quê?

5. Um dos maiores medos de Ricardo era de ir para a escola nova. Como surgiu esse medo? Tinha razão de existir? Por quê? Deixe que as crianças falem sobre situações parecidas em suas vidas. Por que a mudança de escola pode provocar medo? O que será que Ricardo poderia estar imaginando de tão assustador na nova escola? Que “fantasmas” eram esses?

DEPOIS DA LEITURA

1. Proponha às crianças a leitura do livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Leve os alunos a fazer uma comparação (apontando semelhanças e diferenças) entre Chapeuzinho Amarelo e Ricardo. O que eles têm em comum? Como se desenrola a questão do medo nas duas histórias? O medo de Chapeuzinho Amarelo foi diminuindo. Isso ocorre também com o medo de Ricardo? O que, ou quem, contribui para que isso aconteça? Espera-se que as crianças respondam que a paixão do garoto pelas figurinhas de dinossauros e a relação dele com Sara, sua nova colega, o ajudam a superar o medo da escola nova. Promova uma discussão sobre a importância dos amigos em um processo de adaptação - escola nova, cidade nova, etc. Os amigos facilitam o processo de mudança? Saliente para as crianças o importante papel desempenhado pela colega de Ricardo nesse momento de mudança.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Lindsey Rocha